



24° ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

PARADIGMA AFROCÊNTRICO PARA O ESTUDO DE MULHERES NEGRAS GANHADEIRAS

AFROCENTRIC PARADIGM FOR THE STUDY OF BLACK WOMEN GANHADEIRAS

Amanda Carla Ganim do Nascimento – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Erinaldo Dias Valério – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Modalidade: Trabalho completo

Resumo: Este estudo visa aplicar um paradigma afrocentrado à pesquisa em andamento sobre mulheres ganhadeiras em Pernambuco, Brasil e Luanda, Angola, com o objetivo de desafiar as bases eurocêntricas da Ciência da Informação. Utilizando uma abordagem qualitativa fundamentada em levantamento bibliográfico, o trabalho explora temas como memória e afrocentricidade, destacando a importância de visibilizar a racialidade dos autores como estratégia para negitar saberes negros e decoloniais. A pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre o estudo da memória na Ciência da Informação dentro de um contexto decolonial e afrocentrado, especialmente ao examinar as ganhadeiras nesse contexto. O estudo das ganhadeiras não apenas amplia a compreensão de suas práticas econômicas e culturais, mas também busca evidenciar suas contribuições históricas e contemporâneas, posicionando-as como agentes ativos na construção de conhecimento. Conclui-se que este trabalho não apenas adota um paradigma afrocêntrico, mas também propõe uma crítica fundamentada para a descolonização contínua da Ciência da Informação, promovendo uma visão mais múltipla das narrativas históricas e culturais afrodescendentes.

Palavras-chave: afrocentricidade; memória africana; mulheres negras.

Abstract: This study aims to apply an Afro-centered paradigm to the research about ganhadeira women of Pernambuco, Brazil and Luanda, Angola, with the aim of challenging the Eurocentric bases of Information Science. Using a qualitative approach based on bibliographical research, the work explores themes such as memory and Afrocentricity, highlighting the importance of making the authors' raciality visible as a strategy to blacken black and decolonial knowledge. The research proposes a critical reflection on the study of memory in Information Science within a decolonial and Afro-centered context, especially when examining the ganhadeiras in this context. The study of income earners not only broadens the understanding of their economic and cultural practices, but also seeks to highlight their historical and contemporary contributions, positioning them as active agents in the construction of knowledge. It is concluded that this work not only adopts an Afrocentric paradigm, but also proposes a reasoned critique for the continued decolonization of Information Science, promoting a more multiple view of Afro-descendant historical and cultural narratives.

Keywords: afrocentricity; african memory; black women.

1 INTRODUÇÃO

Pensando sobre o que Molefi Kete Asante (2009) discute a respeito do pensamento afrocentrado, vemos uma conscientização em que o ser negro é destacado como um agente ativo, com protagonismo no mundo em que está inserido. Isso representa uma visão afrocêntrica. No entanto, na historiografia tradicional e consequentemente a memória dita nacional, montada predominantemente por homens brancos, as pessoas negras são frequentemente marginalizadas, sendo-lhes negada essa agência.

Esse processo de marginalização é perpetuado há séculos através do pensamento colonial, na qual as agências são restritas ao eurocentrismo patriarcal. Um exemplo recente ilustra essa questão: ao utilizar o Google Docs para digitar este texto, o próprio recurso não reconhece a palavra "afrocênticas", sugerindo a troca por "eurocênticas".

Esse é um caso mínimo que, no entanto, reflete um contexto histórico abrangente que vai além do uso da linguagem e da tecnologia. A marginalização permeia fatos históricos, culturais, educacionais, sociais, econômicos, políticos, ambientais, científicos e muitas outras áreas. No caso exemplificado acima, a tecnologia da empresa google desconhece uma palavra, para reconhecimento de outra e assim identificá-la como real.

Essa dinâmica de negação é evidente nas questões mais profundas das relações étnico-raciais. Para abordar o tema, é essencial trazer à discussão Aparecida Sueli Carneiro (2005). A autora argumenta que o processo colonial eurocêntrico utilizou esse mecanismo para perpetuar seu poder, privilegiando uma raça em detrimento de outra. Esse privilégio concedeu poderes incomensuráveis à raça dominante, resultando na devastação do que a autora chama de "racialidade dominada" (Carneiro, 2005, p. 50).

Esse sistema dualístico do ser e do não ser, não reconhece a diversidade que é tão explícita em nosso mundo, o que nos provoca a enveredarmos por novos caminhos como forma de nos libertarmos dessa engrenagem adoecedora e com tão pouca profundidade sobre as experiências humanas. Portanto, é reconhecido no paradigma afrocêntrico não mais uma forma de exclusão, como entendido no modelo eurocêntrico e sim de reconhecimento da cultura e dos saberes produzidos por todo um continente e sua diáspora e consequentemente por seus indivíduos, que por séculos foram renegados, reconhecendo com isso as contribuições e a agência das pessoas negras em todos os aspectos da vida.

Sendo assim, ao nos posicionarmos como pesquisadores e cientistas no campo da Ciência da Informação (CI) e como pessoas negras dentro de uma sociedade racista, e que sofre as suas consequências, desenvolvemos uma visão mais crítica sobre bases documentais e epistemologias construídas por uma agência branca, dentro de percepções coloniais. Logo, adotar uma epistemologia contra hegemônica parece mais coerente se pretendemos avançar dentro de uma perspectiva decolonial.

Dito isso, este artigo buscará responder a seguinte questão: como um paradigma afrocentrado pode ser aplicado ao estudo da tese em andamento sobre mulheres ganhadeiras em Pernambuco, Brasil e Luanda, Angola, para desafiar e descolonizar as bases eurocêntricas da Ciência da Informação? Na tentativa de criar uma proposta que se baseie nesse novo paradigma de pensamento, esta discussão tem como objetivo apresentar o paradigma afrocentrado a ser aplicado ao estudo destas mulheres negras africanas e afrodiaspóricas.

O uso do termo mulheres ganhadeiras, se refere às mulheres negras e escravizadas, que trabalhavam no sistema de "ganho" no Brasil colonial, principalmente entre o final do século XVII e o início do século XVIII, que apesar da condição de escravidão, conseguiam realizar atividades remuneradas nas cidades, como lavar roupa, vender alimentos ou realizar pequenos serviços domésticos (Reis, 2019; Soares, 1996). Contudo, esta pesquisa busca ir além desse período histórico, identificando os elementos de continuidade e ruptura dessas agentes também no século atual, pois, como observa Soares (1996), as atividades de ganho persistiram após a abolição e podem ser vistas hoje como parte do que chamamos de trabalho informal.

É fundamental compreender que, ao estudar as 'ganhadeiras' e suas tradições orais, estamos valorizando não apenas a história de uma comunidade específica, mas também enriquecendo nosso entendimento mais amplo da diáspora africana e de como as memórias coletivas são transmitidas e moldadas ao longo do tempo nesse processo. Isso não apenas celebra a resistência das mulheres negras, mas também insere uma narrativa mais complexa e completa da história e da cultura do Brasil.

Dessa forma, a CI emerge como um campo de estudo relevante e necessário para ser inserido no contexto apresentado. Com seu interesse intrínseco no estudo da memória, compreendendo-a como um componente vital para a preservação da informação e do conhecimento social, deve assumir a responsabilidade de aprofundar os estudos sobre fontes orais e seus sujeitos informacionais, muitas vezes representados por populações negras,

indígenas ou ciganas, que frequentemente são invisibilizadas e descaracterizadas em registros formais e impressos de memória. Além disso, ao trazer a experiência das mulheres ganhadeiras para o centro da pesquisa, esta investigação oferece uma perspectiva mais abrangente e inclusiva das dinâmicas informacionais e culturais. Isso enriquece o campo da CI ao promover uma abordagem mais diversificada e contextualizada na análise dos sujeitos informacionais e de seu papel na sociedade.

Contudo, espera-se que, com este estudo, a agência sociocultural dessas mulheres seja abordada de forma afrocêntrica, permitindo que conceitos como informação, conhecimento e memória sejam integrados de maneira a desafiar a predominância do pensamento eurocêntrico, que ainda é refletido na CI, como apontam os estudos de Sá e Francelin (2021). Vale ressaltar que esta pesquisa está sendo desenvolvida no âmbito do Alaye - grupo de estudos e pesquisas em informação antirracista e sujeitos informacionais, vinculado ao Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (DCI/UFPE). Na próxima seção, apresentaremos a metodologia adotada para a escrita deste trabalho.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS AFROCENTRADOS

Diante de uma pesquisa em andamento, que se preocupa em analisar sujeitos e não objetos, focamos nas mulheres negras ganhadeiras de Pernambuco e de Luanda, de origem africana ou afrodiaspórica. Decidimos adotar um paradigma afrocêntrico para apontá-las como agentes, coprodutoras de informação e conhecimento na construção dos resultados desta futura pesquisa. Para que essa proposta se desenvolvesse nessa direção, foi necessário criar, por meio do estudo aqui apresentado, uma discussão sobre como um trabalho pode se tornar afrocêntrico.

Para tal, adotamos uma abordagem qualitativa e uma metodologia caracterizada pelo levantamento bibliográfico, discutindo a afrocentricidade como um meio de ação para a descolonização das ciências e uma crítica direta ao pensamento hegemônico do saber europeu. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizaremos como base os trabalhos de Molefi Kete Asante. Asante, renomado cientista negro, dramaturgo, poeta, historiador e filósofo afro-americano, com mais de 70 livros publicados, é professor do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Temple nos EUA e foi ele quem desenvolveu a ideia de afrocentricidade como paradigma. Neste estágio da pesquisa, foram fundamentais as

contribuições do autor, especialmente por meio de suas obras “Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar” (Asante, 2009) e “Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia” (Asante, 2016). O autor aborda os cinco elementos essenciais para a construção de um trabalho afrocêntrico, os quais discutiremos mais adiante e relacionaremos à pesquisa sobre as ganhadeiras.

Outra estratégia metodológica utilizada foi destacar as autorias negras presentes no texto, que apresentam um pensamento crítico racializado e colaboram com o pensamento afrocêntrico. Como se trata de uma pesquisa em andamento, ainda não foi realizado um recorte temporal específico das obras utilizadas. Neste momento, foram consultados artigos, livros e dissertações de autoras e autores que discutem a temática apresentada. A partir disso, será construída uma política conforme nos ensinou Lélia de Almeida Gonzalez: que o negro precisa ter nome e sobrenome, enfatizando-os como sujeitos políticos ativos, agentes e importantes pensadores para a construção de um conhecimento decolonial.

3 O DESAFIO DE PENSAR O ESTUDO DA MEMÓRIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DENTRO DE UM CONTEXTO DECOLONIAL E DE UM PARADIGMA AFROCENTRADO

O termo memória sempre foi objeto de disputa em diversos campos do conhecimento, e para a CI isso não é exceção. Segundo Silva e Martins (2022), o conceito de memória foi incorporado na CI já no século XX, a partir das interseções interdisciplinares com a Psicologia, a Sociologia e a História. Os autores também mencionam que a criação posteriormente de linhas de pesquisa de alguns programas de pós-graduação em Ciência da Informação *stricto sensu*, que traz a memória como objeto de estudo, tornando mais frequente a sua abordagem em dissertações e teses.

Um importante estudo feito por Oliveira e Rodrigues (2011) nos fornece alguns dados significativos que demonstram esse interesse por parte de alguns pesquisadores e como o conceito de memória é reformulado na CI. Como exemplo, os autores nos trazem os principais autores citados nas teses e dissertações da área. Além dos nomes descritos por eles, acrescentarei suas formações acadêmicas, nacionalidade e raça¹, são eles: Jacques Le Goff (historiador francês; branco), Ecléa Bosi (psicóloga brasileira; branca), Pierre Nora (historiador

¹ A raça identificada baseia-se em uma heteroidentificação, considerando os fenótipos observados nas imagens desses autores encontradas em páginas da internet.

francês; branco), Henri-Pierre Jeudy (filósofo e sociólogo francês; branco), Ulpiano Bezerra de Menezes (historiador brasileiro; branco), Maurice Halbwachs (sociólogo francês; branco), Michael Pollack (sociólogo austríaco; branco) e o Henri Bergson (filósofo francês; branco).

Considerei identificar a raça dos autores para refletirmos sobre a importância de destacar essa informação na análise das bases teóricas aqui apresentadas. Observamos que o estudo sobre memória na CI, frequentemente parte de ideias eurocêntricas, já que todos os principais autores citados são brancos e, em sua maioria, europeus. No entanto, não quero desmerecer as valiosas contribuições desses autores, mas sim chamar a atenção dos pesquisadores interessados no tema para a ausência de autores com diferentes aspectos étnico-raciais, de gênero, de localidade que também poderiam oferecer perspectivas enriquecedoras e diversificadas sobre o assunto. Evidente que essa é uma pesquisa de 2010 e merece ser atualizada para termos um melhor embasamento para voltarmos a discussão aqui proposta.

Contudo, diante dos dados já apresentados e com a corroboração de estudos como o de Menezes (2023), que explica com dados históricos a origem colonial da CI, e o de Silva (2021), que afirma que suas bases são positivistas e neopositivistas, ou ainda quando Sá e Francelin (2021) destacam que a CI se torna intolerante a outras formas de conhecimento por ter sua base epistemológica limitada ao pensamento euroamericano, torna-se necessário produzir mais dados que corporifiquem esse entendimento. Somente assim poderemos desenvolver visões mais críticas e nos contrapor ao engessamento e às limitações impostas por essas correntes.

No ano de 2020, foi organizado pelo Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DB-UFRJ), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCI-ECA-USP), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos (PPGCI-UFSCar) e Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS-UFSCar)² um encontro chamado *Decolonialidade e Ciência da Informação: verdades dialógicas*, que a partir do artigo desenvolvido por Araújo, Oliveira, Gracioso e Silva (2021) foi possível acessar um panorama abrangente das discussões

² Informações retiradas da nota de rodapé do texto *Decolonialidade e Ciência da Informação: verdades dialógicas* (Araújo; Oliveira; Gracioso; Silva, 2021).

desenvolvidas durante o evento, bem como identificar os pesquisadores da área que já dialogam sobre o tema.

Esse levantamento evidencia a preocupação de nosso campo de estudo em engajar-se com a diversidade do conhecimento e apresentar visões críticas sobre uma CI hegemônica. Diante disso, será proposto por esta pesquisa trazer para o debate autores da CI e de outras áreas do conhecimento, que demonstram esse interesse em ampliar as discussões contra hegemônicas, para a partir disso não só fundamentarmos o campo das epistemes teóricas, mas sim, práticas e ações que possibilitem fissuras ou até mesmos significativas mudanças no nosso contexto social.

Ao considerar o autor Molefi Kete Asante (2016, p. 10), que nos fornece o conceito de afrocentricidade, nos é apontado o uso de uma epistemologia com bases africanas e cria um novo paradigma, que vem mudando segundo o próprio autor, "as perspectivas sobre as ciências sociais, a natureza das investigações científicas, das humanidades e o caráter das narrativas históricas". Ou seja, é preciso desafiar e superar as epistemologias eurocêntricas que dominam muitos campos acadêmicos, permitindo uma compreensão mais completa das contribuições africanas e afrodiaspóricas à sociedade global.

Todavia, é importante negritar que uma das bases da afrocentricidade é a pluralidade, o que a diferencia do eurocentrismo que prega o pensamento universal único. Deste modo, fica escurecido³ que não há pretensão do pensamento afrocêntrico se tornar hegemônico, pois a ele interessa o respeito e o diálogo entre as diversas formas de conhecimento (Nascimento, 2009).

Seguindo essa lógica a fala feita por Ailton Krenak (2024), um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e hoje imortal da Academia Brasileira de Letras, que articula dentro de uma cosmovisão indígena, só nos acrescenta ao debate e com ele chegamos a uma reflexão sobre a memória e a importância dela. Segundo ele, "a memória é a consciência crítica e a ausência dessa memória deixa a gente refém de qualquer discurso manipulador".⁴

Ao considerar esse pressuposto, afirmamos que o estudo da memória se faz necessário, principalmente diante de populações invisibilizadas, que tiveram as suas

³ O termo é utilizado para se opor ao racismo linguístico, permitindo entender a palavra "escurecido" no sentido de "nítido".

⁴ Vídeo retirado da rede social **Povos Indígenas**, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CuhocY8A1RT/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>. Acesso em: 19 Jun, 2024.

memórias coletivas apagadas ou deturpadas a partir de uma construção de sociedade moderna, que tem como uma de suas principais práticas de poder a dominação de raça, que mesmo com o fim do período colonial permanece na sua estrutura a ideia de hierarquização racial, que valoriza os saberes produzidos pela branquitude (Carneiro, 2023).

No entanto, isso não significa que, mesmo sob o poder opressor racista e patriarcal, as mulheres negras, que são as mais afetadas por esse modelo social, se tornaram seres passivos no contexto histórico escravista e pós-abolição. Pelo contrário. Sueli Carneiro (2023, p. 138), ao estudar Foucault sobre dispositivos de poder, reconhece que "a todo poder se opõe uma resistência". Ela acrescenta que o primeiro ato de resistência é a preservação física. Manter-se viva foi e ainda é o principal desafio dessas mulheres e de seus descendentes.

E a esse corpo ou corporeidade que permanece vivo e carregado de memórias, que destacamos as mulheres ganhadeiras como seres resistentes, que através das suas redes de informação e proteção coletiva conseguiram não só lutar pela permanência à vida, mas assim como, a permanência de sua cultura, de suas tradições, de seus saberes ancestrais africanos em uma dimensão transatlântica partilhadas entre Brasil e África.

E a partir desse sujeito preenchido por africanidades, podemos alcançar uma visão afrocêntrica sobre outros significados de memória. Nesse sentido, destacamos os estudos de Leda Maria Martins (2021), que dentro de uma cosmovisão ancestral, explica que o corpo simboliza uma tela que dialoga com o tempo espiralar, em contraste com a visão linear ocidental. É essa cosmovisão ancestral, que celebra o corpo como lócus de memória, ressaltando a importância da corporeidade na continuidade e transmissão das tradições culturais africanas.

Dentro desse corpo-tela, como bem colocado por Martins (2021), podemos perceber a oralidade como uma das grandes tradições africanas que atravessou o Atlântico nessa grande intersecção entre memória-corpo e tempo. Há algum tempo venho me dedicando ao estudo sobre a oralidade entre algumas etnias africanas e como isso se dá em sua diáspora.

Como importantes estudiosos sobre a temática destacam-se os africanos Djibril Tamsir Niane (1982), que foi um historiador negro Senegalês, dramaturgo e escritor. E Amadou Hampâté Bâ (2010), escritor negro e etnólogo nascido em Mali, África, cujos trabalhos envolveu a meticulosa pesquisa histórica de diversas comunidades africanas, primordialmente baseada em tradições orais. Recentemente inclui a obra de uma autora brasileira em minha

pesquisa, intitulado “Memórias Ancoradas em Corpos Negros”, cujo corpo é reconhecido como fontes vivas de memória dentro de comunidades orais:

Por muitos caminhos, linguagens orais, visuais, sonoras trazem lutas sem fronteiras por liberdade, evidenciando que corpo e memória são indissociáveis entre povos e grupos socializados em matrizes orais. Suas tradições, transmitidas em presença de corpos, materializam-se em gêneros não-verbais de narratividade inerentes à moldagem de corpos enquanto fontes vivas (Antonacci, 2014, p. 159).

O sistema colonial e pós-colonial trouxe inúmeros traumas para corpos negros e reviver algumas memórias nos parece pungente. No entanto, não se pretende aqui idealizar um passado romântico para amenizar feridas, nem tão pouco idolatrar o nosso sujeito de pesquisa, as mulheres ganhadeiras como as grandes heroínas, como assim fizeram seus opressores a si mesmos de forma narcísica. O objetivo é trazer à tona a altivez dessas mulheres na história e em nossas memórias coletivas e apresentar suas identidades não mais manipuladas para beneficiar interesses sombrios.

Quando Grada Kilomba (2019) afirma que a nossa história precisa ser contada corretamente, ou seja, é um compromisso que temos que assumir para com os nossos ancestrais e para nós mesmos. Portanto, “ao elevar essa memória dolorosa, contando-a corretamente, escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente” (Kilomba, 2019, p. 223-224). Para que isso ocorra, a busca por outros paradigmas, que não os do opressor, nos coloca em uma trajetória de reavaliação e reconstrução da narrativa histórica, honrando a verdadeira experiência e contribuição dessas mulheres negras africanas e afrodiaspóricas.

4 O ESTUDO SOBRE AS GANHADEIRAS DENTRO DE UM PARADIGMA AFROCENTRADO

O termo "ganhadeiras", frequentemente mencionado em diversas documentações históricas, sugere o surgimento desse conceito entre o final do século XVII e o início do século XVIII aqui no Brasil, associado ao sistema de trabalho de ganho, pois o regime de cativo com avanço das metrópoles escravizava a população negra também nos serviços de casa e rua (Reis, 2019).

Esse sistema era vivido principalmente por homens e mulheres africanas ou afrodescendentes, que eram pessoas cativas, livres ou libertas e de acordo com a pesquisa de

Cecília Moreira Soares (1996), aqueles que exerciam o trabalho de ganho e ainda estavam na condição de escravizados, eram compelidos a entregar uma quantia previamente estabelecida a seus senhores por meio de acordos informais. Qualquer valor excedente a essa quantia era mantido pelos próprios cativos, podendo ser usado para adquirir sua liberdade ou a de terceiros com a compra da alforria e para atender às despesas diárias.

Embora tanto homens quanto mulheres fossem representados nesse contexto, aqui vamos destacar as mulheres, adotando uma perspectiva interseccional de gênero, raça, classe e território, elaborando assim uma visão mais crítica dos fenômenos sociais que aqui serão estudados, com propósito de mudar o *status quo* de uma dinâmica relacional de poder (Collins; Bilge, 2021).

Contudo, a pesquisa se propõe a ir além desse período histórico, buscando mapear as continuidades e descontinuidades dessas agentes também no século atual, pois conforme afirma Soares (1996), as atividades de ganho continuaram pós-abolição e o que hoje podemos caracterizar como o chamado trabalho informal. No entanto, o que essa pesquisa quer chamar a atenção é o protagonismo dessas mulheres na construção de redes de informação, na resistência política e cultural, que possibilitaram a sua atuação na sociedade de forma dinâmica e ameaçadora para o sistema opressivo vigente.

Em Luanda, hoje capital de Angola, foi encontrado em registros com a palavra "quitandeira" a partir do século XVII e que também faziam trabalho de ganho com a comercialização de produtos em quitandas. (Freitas, 2015). Outros nomes também são associados a essas mulheres na contemporaneidade e que hoje podemos encontrá-las nas ruas de Luanda, como é o caso das conhecidas "Zungueiras", que segundo Santos (2011, p. 50), sua origem etimológica vem da palavra zunga, encontrada na língua Kimbundu e que quer dizer: "circular, andar à volta, girar". Ou seja, são essas as mulheres que praticam o mercado informal circulando pela cidade e que segundo algumas reportagens de jornais e canais⁵ de Luanda, sofrem duras repressões do Estado.

Ao compreender quem são essas mulheres ganhadeiras, a pesquisa abrange diversas ocupações, como lavadeiras, quitandeiras, quituteiras, zungueiras, marisqueiras, pescadoras

⁵ Zungueiras protestam em Luanda contra proibição de vendas nas ruas. Disponível em: <https://www.rfi.fr/pt/angola/20230522-zungueiras-protestam-em-luanda-contraproibicao-de-vendas-nas-ruas>. Em defesa das Zungueiras e da economia informal. Disponível em: <https://www.makaangola.org/2020/04/em-defesa-das-zungueiras-e-da-economia-informal/>.

e outras funções e nomenclaturas que podem surgir ao longo do estudo. Esta diversidade de ocupações não só reflete a adaptabilidade dessas mulheres no campo do trabalho, mas também destaca a riqueza cultural e a complexidade de suas contribuições para a sociedade.

Além de mapear as atividades desempenhadas por essas mulheres, a pesquisa também se concentra nos espaços que elas ocupam, compreendendo serem esses espaços de memória ocupados por uma corporeidade em sua maioria negra. Logo, feiras, mercados de rua, quilombos, encruzilhadas e outros locais de encontro e troca serão analisados para compreender como esses espaços têm sido preservados ou transformados ao longo do tempo. Esta análise permite identificar tanto a persistência de tradições culturais quanto as adaptações diante das mudanças socioeconômicas, ambientais e políticas de um mundo capitalista.

Nesse caso, o estudo acima citado demonstra interesse em criar uma perspectiva que se baseie em um paradigma afrocentrado e para isso abordaremos os elementos trazidos por Asante (2009, p. 96), que segundo o autor são os elementos mínimos que um projeto afrocêntrico deve incluir, e partir deles destacá-los no presente estudo, para assim identificá-la ou não como uma pesquisa afrocentrada:

- 1) interesse pela localização psicológica; 2) compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; 3) defesa dos elementos culturais africanos; 4) compromisso com o refinamento léxico; 5) compromisso com uma nova narrativa da história da África.

Sendo assim, começaremos com o interesse pela localização psicológica. Na pesquisa sobre as mulheres ganhadeiras isso envolve compreender como suas identidades e experiências são moldadas por sua posição única na sociedade, levando em consideração fatores históricos, culturais, de gênero, de território e raça. A pesquisa investiga como essas mulheres se percebem e se posicionam como agentes ativos de mudança e resistência, destacando seu protagonismo em suas comunidades e na sociedade como um todo. Isso inclui reconhecer a importância dos espaços que ocupam, as redes de apoio que constroem e os modos como transmitem e preservam suas memórias e conhecimentos.

Além disso, adotar uma localização psicológica afrocentrada implica também inovar nos métodos de pesquisa. Isso pode incluir a utilização de metodologias participativas que envolvem ativamente as mulheres ganhadeiras como colaboradoras na pesquisa. Ao invés de

serem apenas sujeitos de estudo, elas devem ser vistas como coprodutoras do conhecimento, contribuindo ativamente para a coleta, análise e interpretação dos dados.

Quanto ao segundo elemento, que é o compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito, entendemos que ao ampliar suas vozes e perspectivas, a pesquisa reconhece a agência e as contribuições únicas dessas mulheres a partir de suas próprias narrativas. Esse compromisso é refletido na metodologia empregada, que privilegia entrevistas aprofundadas e a coleta de histórias de vida, assegurando que as próprias ganhadeiras sejam as narradoras de suas experiências e contribuam ativamente para esta pesquisa aqui proposta. Portanto, as entrevistas com as ganhadeiras contemporâneas serão tratadas como fontes primárias de conhecimento, que poderão servir de base para outras análises e reinterpretação do passado.

Contudo, como também se trata de uma pesquisa que fará um levantamento de fontes documentais sobre essas mulheres no período colonial e pós-abolição, será importante fazer uma análise crítica, ou seja, reconhecer e questionar os preconceitos e as intenções de supostos autores colonialistas, que por muitas vezes produzidos por homens brancos opressores, carregam um viés que precisa ser desafiado. Além disso, a contraposição de narrativas será fundamental. Dessa forma, compararemos as narrativas históricas oficiais com as histórias orais e as experiências vividas das mulheres ganhadeiras de hoje.

Um outro ponto que gostaria de compartilhar sobre a pesquisa e que se enquadra em colocar o sujeito africano como sujeito, nesse caso as Ganhadeiras de Pernambuco e Luanda é a tentativa de incluí-las na participação de análise dos documentos históricos, permitindo que ofereçam suas próprias interpretações e perspectivas sobre o material. Esse envolvimento ativo não só enriquece a pesquisa, mas também garante que as mulheres ganhadeiras sejam vistas e reconhecidas como co-produtoras do conhecimento.

Quanto ao terceiro elemento, que é a defesa dos elementos culturais africanos, torna-se um pilar fundamental para a elaboração desta pesquisa. A valorização da oralidade, música, danças e outras expressões culturais, seus valores e modos de compreensão de mundo são centrais para entender como as mulheres ganhadeiras preservam e transmitem conhecimento. Este enfoque cultural não apenas enriquece a pesquisa, mas também reforça a importância dessas práticas na construção da identidade e na promoção do bem-estar das comunidades.

A pesquisa também se compromete com o refinamento léxico que foi apresentado como quarto elemento, utilizando uma linguagem precisa e atenta ao descrever as experiências das mulheres ganhadeiras. Isso garante que a pesquisa não reproduza estereótipos ou preconceitos, mas sim celebre a diversidade e a riqueza de suas contribuições. Ao realizar essa pesquisa em outro país como Angola, por exemplo, os termos utilizados requererão um maior cuidado, transmitindo ao máximo os valores culturais daquela população.

Finalmente, o compromisso com uma nova narrativa da história da África, fica evidente na forma como a pesquisa abordará as contribuições históricas e culturais das mulheres ganhadeiras. Sabemos que a história contada do povo negro pelo opressor não os representa e como bem colocado por Beatriz Nascimento (2021), as palavras escritas por mãos brancas não atingem a magnitude de um povo transatlântico. Portanto, é de interesse desta pesquisa reviver memórias e trajetórias de mulheres agentes, produtoras de informação e conhecimento, para a partir disso também contribuir para uma nova narrativa da história da África e de sua diáspora. Compreende-se que tal proposta desafia narrativas eurocêntricas e estereotipadas, promovendo uma visão descolonizada para dentro da CI.

5 UMA CONCLUSÃO AFROCÊNTRICA

Mesmo com a pesquisa ainda em andamento, concluímos que o trabalho sobre mulheres ganhadeiras de Pernambuco e Luanda está sendo desenvolvido dentro de um paradigma afrocêntrico, pois incorpora os elementos mínimos prescritos por Molefi Kete Asante (2009), no qual busca contribuir para uma compreensão mais profunda e inclusiva das experiências e perspectivas dessas mulheres, valorizando sua agência, cultura, memória e história. Ao partilhar esta pesquisa como um projeto afrocentrado dentro da CI, espera-se ampliar o debate sobre o tema, propondo novas discussões na área e, a partir disso, incentivar a mudança de práticas e ações.

Com isso, esperamos que novas epistemes e metodologias sejam consideradas e aplicadas na Ciência da Informação, gerando avanços e transformações dentro de uma perspectiva decolonial. Isso permitirá superar as limitações impostas por uma estrutura hegemônica centrada na branquitude. Desta forma, reconhecendo e valorizando outras formas de saber e paradigmas, como os propostos pela afrocentricidade, poderemos

enriquecer a disciplina, promovendo uma ciência mais inclusiva, crítica e socialmente responsável.

Além disso, por se tratar de uma pesquisa em andamento, ainda não foi possível explorar de forma mais aprofundada exemplos concretos que ilustrem a aplicação prática do paradigma afrocentrado na investigação sobre as ganhadeiras, assim como em outros trabalhos. No entanto, essa será uma possibilidade a ser considerada no desenvolvimento da pesquisa. Além disso, será relevante incluir uma discussão sobre os desafios e limitações enfrentados na implementação dessa abordagem

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 2022.

ARAÚJO, André. V. de Freitas; OLIVEIRA, Lucia M. B. de; GRACIOSO, Luciana; SILVA, Marco D. P. Decolonialidade e Ciência da Informação: veredas dialógicas. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/download/5828/5410/20247>. Acesso em: 19 jun. 2024.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo negro, 2009. p. 93-110.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do paradigma hegemônico ocidental: Introdução a uma Ideia. **Ensaaios filosóficos**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-18, dez. 2016. Disponível em: https://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf. Acesso em: 21 maio, 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>. Acesso em: 24 jun. 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FREITAS, Fernando Vieira de. **Das kitandas de Luanda aos tabuleiros das Terras de São Sebastião: conflito em torno do comércio das quitandeiras negras no Rio de Janeiro do século XIX**. 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Planejamento Urbano e Regional, Instituto de Pesquisa de Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/42/teses/858668.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2024.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, J. (coord.). **Metodologia e pré-história da África, história geral da África**. Brasília: Unesco, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENEZES, Vinícios Souza de. Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Redes coloniais de desencantamento. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 28, n. esp., p. 1–24, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92665>. Acesso em: 19 jun. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. In: Ratts, Alex (org.). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo negro, 2009.

NIANE, Djibril Tamsir. **Sundjata ou, A epopéia mandinga**: romance. Editora Ática, 1982.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 311-328, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/416>. Acesso em: 19 jun. 2024.

REIS, João José. **Ganhadores**: a greve negra de 1857. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SÁ, Camila; FRANCELIN, Marivalde Moacir. Afrocentricidade, memória e informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5731>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SANTOS, Orlando. Mamãs quitandeiras, kinguilas e zungueiras: trajetórias femininas e cotidiano de comerciantes de rua em Luanda. **Revista angolana de sociologia**, n. 8, p. 35-61, dez. 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/ras/510>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SILVA, Igor Oliveira da; MARTINS, Gracy Kelli. Apropriação da memória pela Ciência da Informação e o papel legitimador das instituições de memória. **Em questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, 2022. p. 392-413. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/109562/66213>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOARES, C. M. As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 17, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20856>. Acesso em: 20 jun. 2024.